



O CAMPONÊS

ORGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

TRABALHADORES!

Será organizando mais e melhor as nossas lutas, estendendo-as a todas as terras e a todos os trabalhadores, multiplicando-as em todos os trabalhos de forma a transformá-las em potentes e superiores acções, que arrancaremos do patronato jornadas mais elevadas e melhores condições de trabalho.

MAIS UM ANIVERSÁRIO DE «O CAMPONÊS»

19 ANOS EM DEFESA DOS INTERESSES DOS QUE TRABALHAM A TERRA

Com o presente número, festeja «O Camponês» o seu 20º ano de publicação. Graças aos esforços e sacrifícios dos que o escrevem, dos tipógrafos que tão zelosamente o têm sabido defender da brutal repressão fascista, dos que o fazem chegar às mãos dos trabalhadores e do apoio destes, a sua publicação tem sido, mais ou menos, regular.

No decorrer destes 19 anos, «O Camponês» tem-se mantido fiel aos princípios para que os seus fundadores e obreiros, Pires Jorge, Francisco Miguel e a saudosa Maria Helena Magro, o criaram.

Desmascarando a política de pro-

tecção aos monopólios e grandes agrários levada a cabo pelo governo salazarista, esclarecendo e apontando o caminho mais curto aos que trabalham a terra para a sua libertação do jugo fascista, «O Cam-

ponês» tem tido um papel de destaque na elevação da sua consciência revolucionária.

Chamando-os à luta, ele tem sido um inspirador e orientador das

(continua na 4ª pag.)

O 23º CONGRESSO DO PCUS

Realizou-se de 29 de Março a 8 de Abril o 23º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, no qual participaram cerca de 5.000 delegados e 86 delegações de outros países.

O 23º Congresso do PCUS cons-

tituiu um grande acontecimento para o povo soviético e para os trabalhadores e povos do mundo inteiro. LEONID BREJNEV — Secretário Geral do CC do PCUS — apresentou um informe onde apontou os abnegados esforços desenvolvidos pelo Partido Comunista e pelo Estado Soviético em defesa da Paz e contra os planos de agressão imperialista; destacou a ajuda moral e material prestada pelo povo soviético aos povos oprimidos.

O 23º Congresso do PCUS destacou a necessidade da unidade de acção da classe operária internacional e de todas as forças anti-imperialistas e amantes da Paz na luta contra o inimigo principal dos povos e da Paz — o imperialismo e em primeiro lugar o dos Estados Unidos — que intervem com armas na mão e desencadeia guerras sangrentas contra os povos que lutam pela sua liberdade e independência nacional, procurando arrastar o mundo para a fogueira duma guerra termo-nuclear.

A ajuda activa aos povos que lutam pela sua liberdade e independência, que lutam

(continua na 5ª pag.)

OS HERÓIS DO POVO VIVERÃO eternamente na sua memória

Para poder aguentar por mais tempo o seu odia-

do regime de terror, o governo salazarista intensifica a repressão policial. Hoje é rara a aldeia que não tenha um sub-posto com 1 cabo e 5 praças da GNR e na maior parte das cidades e vilas onde não há um posto da Pide esta mantém-se lá quase permanentemente. As demon-

strações de força feitas pelas forças repressivas na via pública, as operações «stops», as provocações, as aborda-



Catarina Eufémia



José Adelino

gens de identificação, o assalto a residências de patriotas violando os mais

(continua na 3ª pag.)

AS NOSSAS LUTAS E OS NOSSOS PROBLEMAS

VENDAS NOVAS — A greve a que recorreu o rancho de mulheres que andavam nos trabalhos do arroz na Herdade dos Carvalhais para impôr a jorna de 20\$00, foi vitoriosa. No dia 14 de Março, apenas compareceram no trabalho algumas mulheres. Envergonhadas por a maioria não ter comparecido, foram-se também embora. No dia 15 nenhuma compareceu ao trabalho, e no dia 16 o José Calção foi procurá-las dizendo-lhes que dava os 20\$00 que elas exigiam.

— Na HERDADE DO VIDIGAL,

30 mulheres que andavam nos trabalhos do arroz por conta do rendeiro Joaquim Neto, exigiram 28\$00 em vez dos 25\$00 que lhes estavam a pagar. Nos dias 9 e 10 de Maio, fizeram greve. Apresentaram-se mas não pegaram no trabalho. No dia 11, porém, quebrada a combatividade, começaram a trabalhar pela mesma jorna.

MONTE-MOR-O-NOVO.

Os ranchos de mulheres que têm saído desta região para trabalhos do arroz têm saído contratadas com a jorna de 30\$00 e as 8 horas. Alguns agrários, como por exemplo o do Rio Frio, pretendiam que fossem as trabalhadoras a pagar as viagens. Como elas se recusassem a sair da sua região nestas condições, os agrários resolveram pagar-lhas.

COMPANHEIROS! Todos sabe-

mos por experiência própria que a luta pela conquista das nossas reivindicações é uma luta difícil onde em muitas delas não faltam as brutalidades e selvagens das forças repressivas que os agrários lançam contra nós. Mas por mais voltas que se dê não temos outro caminho a seguir senão o da luta para melhorarmos as nossas miseráveis condições de vida e de trabalho. O exemplo que nos acaba de dar o rancho de trabalhadoras da herdade dos Carvalhais ao recorrer à greve para impôr ao patronato as suas reivindicações é um exemplo que todos os trabalhadores devem seguir. Razão tem aquela trabalhadora do rancho dos Carvalhais quando diz: «Com o aumento que conquistámos através da nossa luta, em 18 dias de trabalho compensamos os 2 dias que estivemos em greve e conseguimos diminuir os lucros que o explorador José Cal-

ção obtém à custa do nosso suor. O mesmo já não podem dizer as 30 mulheres do rancho que trabalham na herdade do Vidigal. A sua falta de unidade na luta que iniciaram não lhes permitiu alcançarem a vitória. Se se tivessem mantido firmes e unidas, o Joaquim Neto não tinha outro remédio senão pagar-lhes a jorna que elas exigiram. Mas ainda não é tarde para elas se organizarem e unirem na luta. Fazendo «cera» no trabalho e recorrendo novamente à greve elas saberão conquistar a jorna que

exigiram.

Mesmo depois de satisfeitas as reivindicações devemos-nos manter unidos para podermos responder prontamente as manobras do patronato ou dos encarregados. Eles pretendem quebrar a nossa unidade despedindo aqueles trabalhadores que eles consideram mais activos na luta, ou afuscar as nossas vitórias com novos processos de exploração.

UNIDOS NA LUTA SOMOS UMA FORÇA E, CUSTE O QUE CUSTAR, VENCEREMOS!

O 1º DE MAIO foi um dia de festa

Os trabalhadores do campo comemoraram o 1º de Maio deste ano, com pique-niques, almoços de confraternização, lançamento de foguetes, etc.

Em GRÂNDOLA, como é tradicional, a banda acompanhada de muito povo e de estralejar de foguetes percorreu as ruas desta localidade a tocar o hino do 1º de Maio.

Na parte da tarde houve vários pique-niques na APOLINHA e na ÁGUA FÉRREA. Neste último local, onde se verificou maior concentração popular, um trabalhador, no discurso que proferiu, falou no significado do 1º de Maio e na sua importância para os trabalhadores.

Em ÉVORA, MONTE-MOR, ESCOURAL e VIANA DO ALENTEJO houve vários almoços de confraternização operária.

Em REDONDO, realizaram-se 2 almoços de confraternização com a participação de 20 e 30 pessoas.

Em BÓRBA, A L ANDROAL, BENCATEL e ESTREMOZ, houve 15 pique-niques.

Em REGUENGOS DE MONSARAZ, efectuou-se um almoço de confraternização em que participaram 90 pessoas. No final deste almoço houve discursos em que foi salientado o significado do 1º de Maio.

Como várias vezes se tem afirmado no «O Campônês», o 1º de Maio é nosso. Temos sido nós trabalhadores, que o temos transformado não só num dia de luta pelas nossas reivindicações económicas, como num dia de luta aberta pela Li-

berdade, pela Paz e pela Democracia. Mas, embora tenham havido numerosíssimas acções e vitórias de importância histórica neste dia ou ligadas a ele, devemos reconhecer que ainda existe uma certa subestimação que é necessário vencer. Nalgumas regiões do Sul, apesar da sua importância populacional, os proletários rurais ainda não comemoram o 1º de Maio por que, os trabalhadores das regiões vizinhas e onde este dia é revolucionariamente comemorado, não têm feito esforços no sentido de procurar encontrar formas que lhes permitam falar com eles, esclarecê-los e ganhá-los para a comemoração do DIA DOS TRABALHADORES. Como não pode deixar de ser, esta subestimação tem a sua raiz numa incompreensão política sobre a organização e a luta contra o fascismo.

Nós podemos, se soubermos fazer amplas REUNIÕES DE TRABALHADORES, constituir COMISSÕES que organizem a direcção da luta e procurem formas de levar os trabalhadores dessas regiões onde o 1º de Maio não é comemorado a comemorá-lo também, impôr ao fascismo a comemoração do DIA DOS TRABALHADORES.

RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Transmite todos os dias em ondas curtas de:

25 metros—às 8 horas da manhã
32 metros—às 20 e 22,15 horas 36,
40 e 43 metros—às 24,30 horas 19,
20, 25 e 26 metros—aos domingos
às 13 horas.

OS HERÓIS DO POVO VIVERÃO...

(continuação da 1.ª pág.)

elementares direitos do homem são frequentes. As prisões acompanhadas de insultos, de selváticas torturas em interrogatórios de dias e noites contínuas e de toda a espécie de baixezas morais em que chegam a desnudar homens e mulheres estão na ordem do dia do terror policial fascista. E, quando os movimentos de massas crescem não só em profundidade, mas também em extensão, ameaçando converter-se numa força invencível, o governo de Salazar ordena às forças repressivas, capitaneadas pelo bando de assassinos da pida, que torturem até à morte, que abatam a tiro os melhores filhos da classe operária. Foi assim que em 9 de Junho de 1945, agentes da Pida torturaram e assassinaram GERMANO VIDIGAL, presidente do Sindicato da Construção Civil de Montemor-o-Novo.

Em 20 de Junho de 1947 foi igualmente assassinado pela Pida em Lisboa, o operário agrícola JOSÉ ANTÓNIO PATULEIA, de S. Romão, Vila Viçosa.

Em 4 de Junho de 1950 foi morto a tiro pelo soldado da GNR António Sousa, a mando do sargento Francisco Pires, o jovem operário agrícola ALFREDO LIMA, de Alpiarça.

Em 19 de Maio de 1954 foi morta a tiro pelo tenente Carrajolas, a operária agrícola CATARINA EUFÉLIA, de Baleizão.

Em 23 de Junho de 1958 foi morto a tiro pelo sargento Francisco Ronge, o operário agrícola de Montemor-o-Novo, JOSÉ ADELINO DOS SANTOS.

Em 28 de Abril de 1962, foram mortos a tiro pelo Sargento Cavaco os mineiros ANTÓNIO ADÁNGIO e FRANCISCO MESTRE MADEIRA, de Aljustrel.

O povo nunca esquecerá os seus heróis e não deixará impunis os seus assassinos. Em nós vive o

ódio aos opressores e exploradores. Em nós vive a certeza dum Portugal livre e independente. O sangue dos heróis do povo nunca correu nem correrá em vão. Novos lutadores anti-fascistas preencherão os lugares daqueles a quem os fascistas roubaram a vida. E por mais que intensifiquem a repressão, por mais que refinem as torturas e por mais vidas que roubem nada no mundo conseguirá salvar o regime fascista de Salazar. Os trabalhadores, as massas populares, sa-

berão duma forma ou de outra, organizar-se e unir-se na luta, passar das pequenas às grandes acções e ao levantamento nacional armado, que porá fim ao regime de opressão e exploração fascista. A melhor homenagem que podemos prestar a todos aqueles que tombaram na luta, é lutarmos mais unidos e mais organizados contra a repressão, pela libertação dos patriotas presos, contra as medidas de segurança, por melhores jornas e melhores condições de trabalho.

O 23.º Congresso do PCUS

(continuação da 1.ª pág.)

contra o fascismo e o imperialismo; a ajuda activa ao heróico povo vietnamita, que é vítima de uma das agressões mais criminosas e bandidas do imperialismo, a luta contra o colonialismo e o neo-colonialismo constitui uma das consignas centrais dos trabalhos do 23.º Congresso.

KOSSYGUINE—Presidente do Conselho de Ministros—apresentou um informe, no qual apontou as tarefas principais do novo plano quinquenal que visa a construção das bases técnico-materiais do Comunismo. O objectivo do novo quinquénio é elevar sucessivamente o bem-estar material e cultural do povo soviético, é elevar a um nível superior a organização e a direcção planificada da produção económica exigida pela edificação comunista.

A produção industrial crescerá 50 por cento e a produção agrícola 30 por cento. O rendimento nacional aumentará 40 por cento. As remunerações dos trabalhadores aumentarão mais de 20 por cento e as receitas dos kolkosianos de 35 a 40 por cento. A semana de trabalho passará para 5 dias. O desenvolvimento da construção de habitações, a assistência social, o desenvolvimento da ciência, da técnica e da cultura alcançarão novos e gigantescos avanços. A capacidade defensiva da URSS reforçar-se á ainda mais. O grande povo soviético consirói com confiança e entusiasmo a sociedade mais justa e feliz da Humanidade — a sociedade comunista.

Os trabalhadores agrícolas e os camponeses de Portugal acompa-

nharam com simpatia e interesse os trabalhos do 23.º Congresso do PCUS. Eles sabem que os avanços do povo soviético na construção do comunismo ajudam a luta do povo português contra o fascismo e pela conquista da liberdade. O «O CAMPONÊS» deseja aos trabalhadores e a todo o povo soviético grandes êxitos no seu trabalho criador pela felicidade do Homem.

O facto do imperialismo se mostrar mais agressivo, significa que são cada vez maiores as dificuldades e contradições em que se debate o sistema capitalista mundial. A situação internacional caracteriza-se por mudanças a favor das forças do socialismo, da Paz e da Democracia. Cresce a luta revolucionária da classe operária internacional, que se lança em potentes e vigorosas greves, económicas e políticas, de centenas de milhares e de milhões de trabalhadores contra a exploração capitalista e monopolista; cresce a luta dos povos oprimidos contra o resto do colonialismo e do neo-colonialismo, contra a escravidão e pela liberdade e independência nacional; cresce a força e a influência do campo socialista e, em particular, a força e a influência da União Soviética.

O sistema Socialista Mundial, com a União Soviética á cabeça, tornou-se a fortaleza invencível da classe operária internacional e constitui o factor determinante da marcha da Humanidade para um regime sem opressores, sem exploradores, sem guerras; para um regime de justiça social, de trabalho, de paz, de progresso e bem-estar — o Socialismo e o Comunismo.

AUXÍLIO A «O CAMPONÊS»

Continuemos a publicar todas as cartas enviadas pelos nossos leitores e amigos.

Dum Amigo.....	255
Ódio a Salazar.....	1655
Idem.....	51810
1 Camponês.....	185
Total.....	167460

CRESCE A SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL À NOSSA LUTA

A luta da classe operária e do povo português contra a ditadura fascista, pela Liberdade, pela Democracia e pela Independência Nacional, quebrou a muralha de silêncio em que durante anos o salazarismo a manteve e tornou-se hoje conhecida de todos os povos do mundo. Ela ganha dia a dia maior apoio e simpatia dos trabalhadores dos outros países. Isso deve-se ao desenvolvimento da luta revolucionária do nosso povo, deve-se a actividade do P. C. P., da F. P. L. N. e de Delegações de anti-fascistas que assistem regularmente às Reuniões e Congressos das Organizações Democráticas Internacionais, onde dão a conhecer a luta do povo português e as condições em que ela se trava.

Quanto mais se desenvolver a luta contra a tirania salazarista mais crescerá a solidariedade internacional. Os trabalhadores portugueses não estão sós. Eles têm ao seu lado a solidariedade moral e material concreta, dos trabalhadores e povos dos outros países.

Se Manuel R. da Silva, Manuel Guedes, Maria da Piedade, Ivone Lourenço, Maria Luísa Soares, Luísa Paulo e outros patriotas alcançaram a liberdade, isso deve-se, em grande parte, à solidariedade internacional.

Diariamente se realizam, lá fora co-

loquios, conferências de imprensa, comícios, se escrevem artigos nos jornais onde se fala da luta heróica dos trabalhadores de Portugal, dos democratas, onde se denunciam as violências da ditadura; frequentemente são enviados às autoridades salazaristas protestos e telegramas protestando contra a repressão; contra as arbitrariedades policiais, exigindo uma Amnistia para os presos políticos; chegam ao nosso País avulçadas somas de dinheiro para serem distribuídas

pelos trabalhadores em greve e pelas famílias dos presos.

«O Camponês», expressando a satisfação e simpatia dos operários agrícolas portugueses, pela solidariedade moral e material prestada, envia à F. S. M., ao Socorro Popular Francês, ao «Humanité» e aos patriotas emigrantes portugueses em França, um grande e profundo agradecimento. OBRIGADO AMIGOS! A vossa ajuda constitui um estímulo activo à nossa luta pela Liberdade.

O VI CONGRESSO SINDICAL MUNDIAL

As lutas e as vitórias da classe operária internacional são lutas e vitórias dos trabalhadores portugueses. Por isso o VI Congresso Sindical Mundial é um acontecimento que interessa à classe operária da cidade e do campo.

Representantes de organizações sindicais de 90 países, englobando mais de 167 milhões de trabalhadores, reuniram-se em Varsóvia, de 8 a 22 de Outubro, para discutirem os problemas que mais interessam à luta dos trabalhadores de todo o mundo pela sua libertação do jugo capitalista.

O VI Congresso Sindical Mundial tomou importantes resoluções que irão ajudar a luta da classe

operária da cidade e do campo no seu combate contra os exploradores, contra as guerras coloniais e de opressão, contra os monopólios e os grandes agrários.

Da tribuna do VI Congresso o Delegado português falou largamente dos problemas e da luta da classe operária e dos trabalhadores portugueses contra a exploração capitalista e o fascismo, contra as guerras coloniais; explicou aos outros Delegados como lutam os operários agrícolas do nosso País, descrevendo as grandes lutas que têm conduzido pela conquista de melhores jornadas, contra o desemprego e opressão.

O Delegado português falou detalhadamente das lutas e greves dos 200 mil assalariados agrícolas do Sul e Centro do País pela conquista das 8 horas de trabalho, apresentando-as como grandes lutas contra os senhores da terra e contra o fascismo.

O VI Congresso Sindical Mundial decidiu por, unanimidade, apoiar cada vez mais a luta dos trabalhadores portugueses pelas suas justas reivindicações.

O VI Congresso Sindical Mundial enviou também um telegrama de protesto ao Ministro da Justiça condenando as brutalidades cometidas contra os trabalhadores e exigindo a libertação de JOSÉ VITORIANO e de todos os presos políticos. Um outro telegrama foi enviado ao Presidente da República, exigindo o fim da guerra colonial e reconhecendo o direito dos povos das colónias portuguesas à independência imediata e completa.

A atenção dedicada pelo VI Congresso Sindical Mundial à luta dos trabalhadores portugueses mostra-nos quanto vale a unidade e a solidariedade dos trabalhadores do mundo inteiro. Em cada luta que travamos contra os exploradores contamos com a solidariedade e apoio da classe operária dos outros países.

VIVA O VI CONGRESSO SINDICAL MUNDIAL!
VIVA A SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL DA CLASSE OPERÁRIA!

19º ANIVERSÁRIO DE «O CAMPONÊS»

(continuação da 1ª pág.)

suas pequenas e grandes lutas por melhores condições de vida, contra o desemprego, contra as guerras coloniais, contra a repressão, pela Democracia e pela Independência Nacional. Falar das pequenas ou grandes vitórias alcançadas, através da luta, pelos proletários rurais, é falar no grande papel desempenhado pelo «O Camponês» como impulsor e guia dessas acções. Pela justeza da orientação traçada nas suas colunas, ele tornou-se um jornal amado e respeitado pelos que trabalham a terra e as suas palavras de ordem são largamente por eles seguidas. Mas o nosso jornal ainda pode e deve ser melhorado e a sua publicação mais regular. Para isso, é necessário que o façamos chegar, onde não for possível à mão, pelo correio, a outras localidades e a outros trabalhadores on-

de ele ainda não chega. É necessário que os seus leitores e amigos lhes enviem regularmente informações de lutas, processos de exploração patronal, críticas e sugestões e o seu auxílio financeiro.

Ao entrar no seu 20º ano de publicação, «O Camponês» saúda os seus leitores e amigos e todos os que trabalham a terra. Apela para que façam REUNIÕES DE TRABALHADORES para organizarem a orientação das suas lutas e, que dessas REUNIÕES, saiam COMISSÕES DE UNIDADE constituídas, ou outros organismos unitários. Apela para que alarguem e fortaleçam a sua unidade na acção; que intensifiquem a luta pelos seus interesses imediatos, pela conquista da liberdade, pela instauração dum governo democrático e nacional que realize uma Reforma Agrária, que entregue a terra a quem a trabalha.

VIVA «O CAMPONÊS»